



**“Histórias
de um
Paredense
Emigrado”**

Exposição de Pintura de Henrique Silva

Agradecimentos

Esta exposição é fruto da dedicação de Henrique Silva e de Margarida Leão a quem expressamos um especial agradecimento à colaboração e disponibilidade prestada e pelo empréstimo das obras. Agradecimento à Beatriz Meireles pelo empenho de trazer para Paredes esta exposição. Prestamos também um agradecimento a todos aqueles que com o seu trabalho tornaram possível a realização da exposição.

Ficha Técnica

Título: “História de Um Paredense Emigrado”

Textos: Alexandre Almeida

Beatriz Meireles

António Quadros Ferreira

Henrique Silva

Autor e Editor: Município de Paredes

Assessoria e coordenação editorial: Município de Paredes e Isaura Magalhães

Fotografia: Luísa Coelho e Jorge Coelho | SLMDESIGN | Mafalda Ruão e Município de Paredes

Paginação e Impressão: Gráfica de Paredes

Tiragem: 500 exemplares

Depósito Legal: 443509/18

Julho 2018



Parque José Guilherme - 4580-130 Paredes
t. 255782155
geral@cm-paredes.pt
www.cm-paredes.pt

Paredes nunca esquecerá Henrique Silva

“A memória é a consciência inserida no tempo.”

Fernando Pessoa

A relevância desta exposição de Henrique Silva na Casa da Cultura de Paredes caracteriza-se pela sua capacidade criativa e multifacetada com que foi desenvolvendo a sua obra ao longo dos anos.

Paredense pelo mundo, Henrique Silva, regressa a Paredes, terra que o viu nascer, para dinamizar esta exposição de pintura intitulada “Histórias de um Paredense Emigrado”, com significado especial para este Município e para o artista plástico.

Esta exposição de Henrique Silva pretende ser a manifestação de um singelo agradecimento e de uma homenagem ao pintor, autor e dinamizador cultural que contribuiu na sua vivência artística para elevar e afirmar o nome de Paredes. Ao conhecer a sua obra, considero que Henrique Silva é um criador e dinamizador cultural com inteligência, sensibilidade e generosidade, procurando transmitir saber aos jovens, através das suas aulas de pintura, exercendo a cidadania e privilegiando a humanização.

O sucesso das instituições, resulta, normalmente, de várias formas de dedicação e reconhecimento a personalidades e causas, assim sendo, a Câmara Municipal de Paredes, tomou a iniciativa de homenagear e mostrar aos paredenses e visitantes o trabalho, a qualidade e a criatividade do pintor que acrescenta valor à História de Paredes. Henrique Silva é seguramente uma dessas personalidades que Paredes nunca esquecerá.

Alexandre Almeida

Presidente da Câmara Municipal de Paredes

Pintura, literatura e política – a tríade perfeita

*“As coisas que acontecem à nossa volta são simples.
Só nós somos complicados e nem sequer nos
apercebemos de onde está a beleza.”*

Henrique Silva

Há dias, numa conversa com dois genuínos portuenses, ficou no ar a ideia de que, enquanto observadores das gentes de Paredes, não compreendiam uma das características mais marcantes da sua grande maioria.

Perguntei-lhes o que referiam, pensando que nos criticavam. Seríamos antipáticos, pouco acolhedores ou conhecidos tremoceiros? Fiquei, depois, surpreendida com a resposta e intrigada por não ter conseguido realmente ver uma das nossas qualidades.

Somos sensíveis ao mundo que nos rodeia, absorvendo-o, valorizamos a beleza das coisas e, como tal, aptos às diferentes formas de arte.

De imediato, lembrei-me do pintor Henrique Silva ou, como intitula a exposição presente, o paredense emigrado, um só homem com tantas histórias de vida, contadas através da arte interventiva.

Um homem que nunca esqueceu de onde era, sabendo, no entanto, para onde tinha de ir. Esta situação torna-se reveladora através da pintura e, de forma um tanto surpreendente, através da escrita.

Começo a ler no seu diário: “Aldeia. Campos verdes e casas caídas com flores à janela, e eu com os olhos a abrir. É primavera. A mãe no trabalho, na cidade, no ganha pão do dia-a-dia, e a visita ao sábado que para mim era felicidade. O resto, igual de dia e de noite, os amigos e a família e eu, filho natural e maltratado, porque era reflexo de um pecado.”¹

Imaginei Henrique Silva, nos anos trinta, em Castelões de Cepeda, e ainda criança, à janela, à espera da mãe Sofia e do pai que nunca chegou a conhecer. Um mundo lá fora, bucólico, mas, ao mesmo tempo, misterioso e difícil, dada a ausência da figura paterna. Dos campos verdes com árvores e flores à “Floresta Sangrenta.”²

Não será uma das razões para a ausência da figura masculina da obra do artista e o erotismo e o segredo tão presentes? – Vejo-o mais profundamente... “Segredos que se confessam”, “Personagens no segredo” e “Simbolismo erótico”³.

Continuo a ler no seu diário: “O prazer é o princípio das coisas e a mulher é o fim de tudo.”⁴

O homem sedutor e eterno apaixonado, que trocou Luísa Coutinho e o Porto para ser artista, em Paris, onde se inscreveu na École des Beaux-Arts e estabeleceu uma duradoura amizade com Arpad Szenes e Maria Helena Vieira da Silva, lavando-lhes pincéis e preparando-lhes as telas. Aí conhece outro grande amor, a fotógrafa Ursula Zangger, seguindo-se Lúcia, novamente em Portugal e, no final, Margarida, a atual mulher com quem vive, despreocupadamente, em Vila Nova de Cerveira. No Atelier Gondar interpreta o mundo, sentindo-o através das sombras deixadas por si e pelos objetos que o rodeiam.”⁵

Para além da pintura e da escrita, que só agora descobro, Henrique Silva envolveu-se em muitos projetos culturais, designadamente na direção da Cooperativa Árvore e na fundação e direção da Bienal de Cerveira, sendo, para ele, enquanto artista, “obrigação” em participar na vida política e social. 6.

Sigamos o seu exemplo, de artista que se completa com estas histórias que se cruzam com o presente e nesta tríade perfeita, enquanto políticos, humanos imperfeitos e complicados, mas amantes do belo, da cultura e das artes e, acima de tudo, de Paredes.

Um bem-haja, Henrique Silva, meu amigo da cultura! Ficamos muito honrados em recebê-lo novamente.

Beatriz Meireles
Vereadora da Cultura

1. Henrique Silva – Diários, entre a angústia e a afirmação. Vila Nova de Cerveira: Atelier Gondar, 2012, pág. 13.
2. Floresta Sangrenta – obra identificado com o número 25.
3. “Segredos que se confessam”, “Personagens no segredo” e “Simbolismo erótico” – respetivamente, obras identificadas com os números 2., 3. e 6..
4. Henrique Silva – Diários, entre a angústia e a afirmação. Vila Nova de Cerveira: Atelier Gondar, pág. 20.
5. Sombras no Atelier – obra identificada com o número 26.
6. Paula Alcântara Carreira – As múltiplas vidas de um homem só (uma biografia possível do pintor Henrique Silva), Porto, Árvore, 2010, página 101.

E toda a pintura é uma só pintura, em Henrique Silva, ou a acção artística como memória de uma diáspora.

(a propósito de *Histórias de um Paredense Emigrado*)

António Quadros Ferreira

O caminho é o que importa, não o seu fim.

Se viajar depressa demais, vai perder aquilo que o fez viajar.

Louis L'Amour

Histórias de um Paredense Emigrado é a mais recente exposição de Henrique Silva. Exposição que acontece em Paredes, neste seu regresso à sua terra natal, e que nos faz revisitatar, na sua pintura, as suas memórias de vida e de caminho. Não se tratando de uma exposição retrospectiva, mostra, a exposição, uma espécie de caleidoscópio sobre um tempo inquieto mas sereno. De um tempo, que já não é o tempo de um *paredense emigrado*. Com efeito, a exposição mostra-nos 30 obras datadas compreendidas entre 1996 e 2017. Por isso, e sem que se esteja perante uma exposição antológica ou retrospectiva, a verdade é que o trabalho apresentado corresponde ao produzido nos últimos vinte anos. De um tempo parcial, por isso, mas mesmo assim, é possível percebermos que existe uma espécie de micro revisitação a temas e assuntos que são recorrentes e sistemáticos no ideário ou no programa de acção de Henrique Silva, que o mesmo é dizer, num corpus imaginado, mas realizado, num reportório definido, mas interpretado. O que existe, verdadeiramente, nesta exposição é a mostra de trabalho realizado no atelier de Gondar. Por isso, estamos também perante uma obra que, sendo do tempo actual de Cerveira, não deixa de ser um reflexo do que para trás começou, desde Paris, e enquanto *caminho de diáspora e de emigrante*, de *caminho sem fim* mas de construção e de definição de uma estratégia singular de acção artística.

O caminho de Henrique, feito de muitos caminhos e lugares, é o caminho que se recentra, sempre, no atelier e a partir do atelier para que, desse modo, seja possível a construção de uma narrativa artística enquanto reinvenção permanente. Então o atelier, enquanto *útero que alimenta a criação artística*, permite ao artista orientar *reflexões, silêncios, acalmias, e exultações*, ou o atelier como uma espécie de fábrica de objectos feitos, representados e apresentados, que invadem a sua arte plena de construções e desconstruções metódicas e alucinadas. Na sua casa-atelier de Gondar (ou *organic house*) Henrique Silva obteve o justo e necessário sedentarismo para reconhecer a sua vida de permanente *nómada do mundo, dos lugares e das memórias* (em Gondar Henrique Silva será uma espécie de *nómada sedentário*).

Ao longo de uma vida, que também foi de emigrado, Henrique Silva diz-nos que o caminho é o mais importante. Caminho de pintor e de pintura, caminho de um pensamento pictórico fundado numa acção artística radical e absoluta no que diz respeito a uma imprescindível e implícita dimensão autobiográfica. Tempo de serenidade, abandonada que foi a diáspora, o tempo de Gondar é o tempo de uma radical serenidade, mas é também o tempo de uma revisitação interior às memórias da vida e das migrações em Henrique Silva. Por isso, para além de um trabalho de acção artística que se constrói muito nas memórias mais fundas e profundas da vida e do caminho, existe o mesmo trabalho pictórico que parece dar-nos respostas, amplas, em torno de conceitos muito abrangentes do que é uma pintura de autor, ou do que pode ser uma pintura maior, independentemente dos lugares percorridos e vividos. Pelo

que, o trabalho de Henrique Silva é também o reflexo da sua vida e do seu viver – o reflexo inteiro de um pensamento que sendo artístico é sobretudo um pensamento político.

Então vemos na obra de Henrique Silva uma pintura pluridimensional: tanto pintura bidimensional como pintura tridimensional. Isto é, pintura que encontra no seu suporte, ou no seu objecto, um lugar de contenção ou fixação, ou um lugar de expansão ou libertação. Estas qualidades da pintura de Henrique Silva acontecem de um modo indiferenciado, pois a pintura existe seja na pintura dita de cavalete, seja na pintura em estado de instalação. Esta circulação cruzada entre dimensões permite compreender melhor a flexibilidade de trânsitos entre processos e meios, fazendo com que a situação de Henrique Silva seja de uma enorme originalidade. Pintura portanto de objectos, de personagens, e de assuntos. Henrique Silva faz do atelier – deste seu atelier de Gondar, uma espécie de *fábrica de vida* ou o lugar de fusão e de construção coerentes do seu enunciado estético. Onde o assunto ou o tema existem, no plano conceptual, a partir de princípios que nos dão a ver dimensões figurativas de representação (mesmo quando existe *expressão geométrica do pintado*) de objectos e de figuras, de cenários e de figurinos, de narrativas e de acontecimentos. Isto é, dimensões de representação definidas no palco de Gondar, e onde, entre uma pintura bidimensional de objectos normais, e uma pintura tridimensional de figuras femininas, nomeadamente, decorre o essencial deste caminho, ou deste itinerário, que Henrique Silva vive, serenamente, e com o propósito, sempre equacionado, de o viver em simplicidade mas em plenitude. Por isso, o resultado artístico que a investigação artística supõe, é o resultado adequado a uma ideia, a um tema, a um assunto. Muitas vezes é recorrente, outras em estado de inusitada reinvenção. Mas, entre a pintura bidimensional – ou de cavalete, e a pintura tridimensional – ou de instalação temos um processo em exacerbada animação que permite a Henrique Silva dizer a sua obra de um modo compulsivo e radical – o seu ser mais íntimo, a sua inquietação mais profunda e, para esse efeito, exorciza os seus fantasmas e medos, as suas memórias e futuros, as suas dúvidas e as suas certezas, a sua serenidade absoluta, e desarmante, de nos dar a conhecer, todo, o seu pensamento – um pensamento íntegro, e de acção.

Inusitadamente Henrique Silva atribui títulos aos assuntos da sua pintura. Sempre com o intuito de tornar a sua pintura ainda mais legível, o que quer dizer, mais simples e mais directa. O que Henrique Silva faz com o seu trabalho de pintor, é o de nos dar a ver o seu singular testemunho – o seu sentido do mundo, de mundos, da sua vida, das suas vidas, da sua memória, das suas memórias, em singularidade permanente de uma forte apologia autobiográfica. Henrique Silva é um artista verdadeiro, e um artista total. A sua obra toda, e muito dessa obra está aqui exposta, revela-nos o propósito de nos dar a conhecer, e de nos dar a partilhar, uma experiência de vida e uma partilha de mundo. Pelo caminho de Henrique Silva, é certo: sendo um caminho de sensibilidade plena, é também um *caminho de natureza erótica* na sua acepção mais ampla e livre. Mas o referido erotismo, que na pintura existe, não se restringe apenas à vida das suas personagens ou figuras femininas que habitam o interior da sua pintura, seja em estado de pintura impressiva e expressiva, seja em estado de pintura-objecto ou instalação. Mesmo a sua pintura não habitada por figuras não deixa de ser erótica. Aliás, o erotismo, que é natural em Henrique Silva, contamina e transcende todo o seu trabalho, toda a sua acção, toda a sua vida.

A pintura de Henrique Silva, sendo uma pintura de solidão, de sombra, e de desejo, é uma pintura de corpo e erótica, uma pintura convocada pelo atelier em tons-terra. Pintura então simples, crua e directa, habitada e densa, manifesta-se muitas vezes em silhuetas de claro-escuro, e em que se faz coabitar em técnica mista as mil possibilidades de junção do corpo e do desejo, da mulher e do objecto, do atelier e do dizer. Pintura do dizer a obra. De um dizer erótico, e político, de uma acção artística que se manifesta em óbvia insularidade enquanto lugar e refúgio de uma

ligação à ruralidade da paisagem e da natureza que esculpe a memória serena de Henrique Silva. Também por isso, pintura povoada de objectos, de objectos que constituem narrativas de teor geométrico, de narrativas de silêncio e de tempo, e onde se privilegia uma certa *densidade objectual*.

Consequentemente, Henrique Silva transporta na sua pintura verdade e mundo, isto é, transporta um estado de criação enquanto estado de alerta, enquanto estado de absoluta lucidez. Henrique Silva tem tido, ao longo da sua vida, um comportamento e uma compreensão da função operária do ser artista e pintor. Artista-operário da arte e da pintura (com efeito não é perceptível as fronteiras entre ambas, se bem que Henrique Silva não deixa de ser pintor em todas as latitudes da arte), Henrique Silva constrói um património artístico em sede de atelier. Isto é, o seu trabalho encontra no atelier o lugar seminal do *fazer que se pensa*, e do *pensar que se faz*. Mas o *pensar que se faz*, em Henrique Silva, é principalmente o *fazer que se faz*.

Henrique Silva mostra-nos uma pintura que é duplamente uma pintura de diáspora, condensando no caminho a sua sede de serenidade e de paragem, e uma pintura de migração, que funde na sua vida uma coerente proposta de construção e de afirmação do que pode ser a arte verdadeiramente implicada, séria, e assumida em inquestionável contemporaneidade um estado de relação absoluta com a vida. Por isso, *Histórias de um Paredense Emigrado*, sendo mais uma das dezenas de exposições individuais realizadas por Henrique Silva, é uma exposição especial, pois corresponde a um momento simbólico, possibilitando aos visitantes o privilégio de reconhecer num seu conterrâneo um artista que sendo ilustre é do mundo, onde a *diáspora do artista emigrado* permitiu ser um artista maior, de uma memória maior, de um caminho maior, e onde Henrique Silva soube guardar uma espécie de memória transversal, inteira, e total.

Henrique Silva é um criador artístico compulsivo e total, na medida em que assume a natureza experimental do fazer artístico como estratégia-mãe de toda a investigação artística. Mas, justamente, a natureza dessa investigação artística, bem maior do que a natureza da criação artística (confessa-nos Henrique) é a que permitirá entender a acção artística como uma acção absoluta, libertadora e redentora. No sentido em que é possível redescobrir na sua obra mundos novos e aparentemente diversos - , mundos de um *movimento da diáspora*.

Então, Henrique Silva, homem e artista de fronteiras e de margens, é portador de um *programa de acção* onde a sua pintura culta quer dizer isso mesmo, que contempla a tradição com a modernidade, e a história com a recepção. Portador de um programa de acção enquanto programa vital, Henrique constrói o seu testemunho numa utopia dedicada, onde o desígnio do homem em permanente peregrinação (*de um paredense emigrado*) faz dele um *permanente descobridor do mundo e de si próprio*.

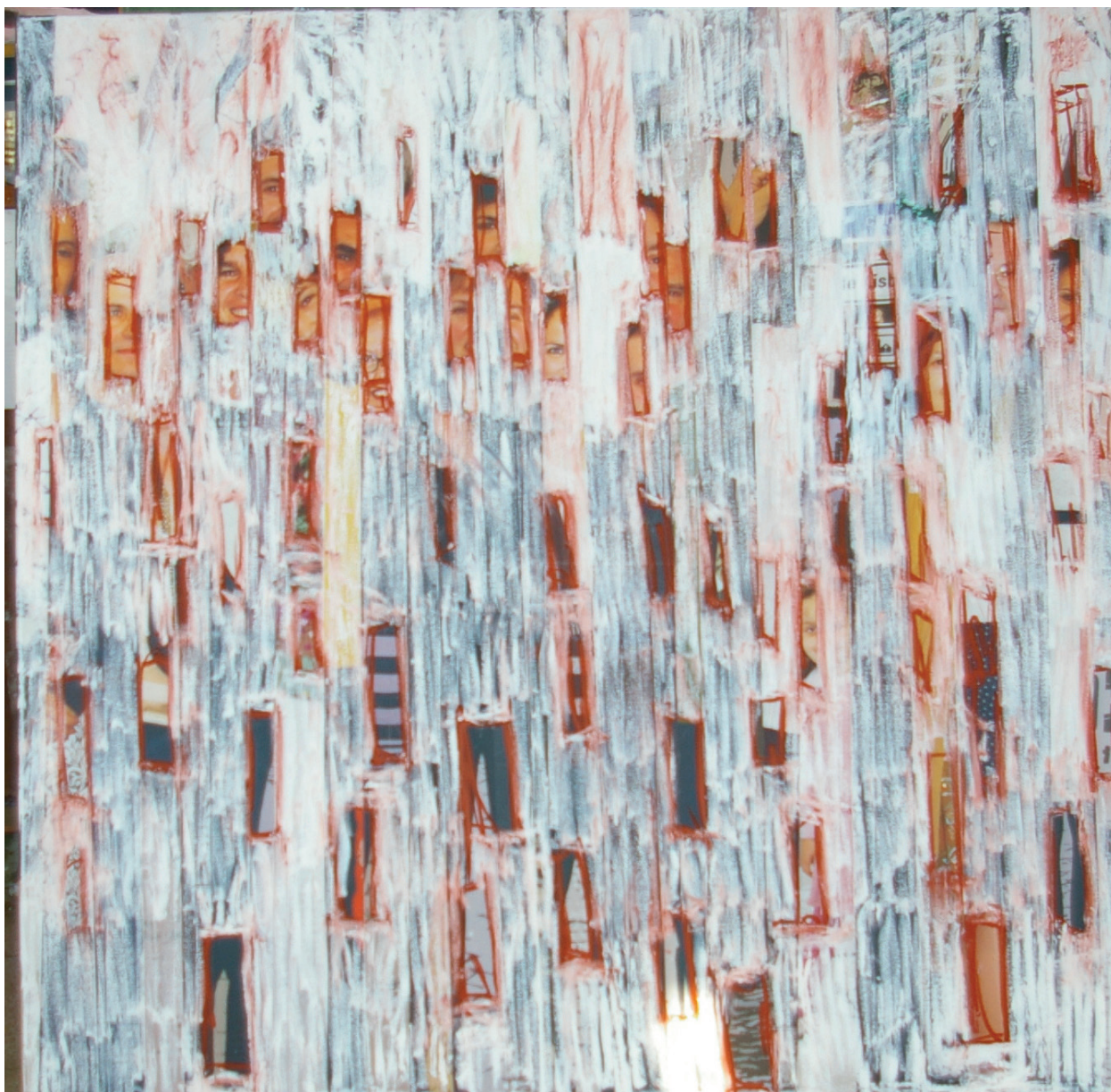


Pinturas de
Henrique Silva

Exposição Paredes
23 de julho a 12 de agosto de 2018



1 - ESTANTE 17 - 150 x 150 cm.
Óleo s/acrílico e carvão s/tela – 2017



2 - **Segredos que se confessam** - 150 x 150 cm.
C/print e pastel de óleo s/tela – 2011/2017



3 - **Personagens no segredo** - 121 x 100 cm.
C/print e pastel óleo s/tela – 2016/2017



4 - **Saber dizer I** - 120 x 60 cm.
Óleo s/tela - 2008



5 - **Saber dizer II** - 120 x 60 cm.
Óleo s/tela - 2008



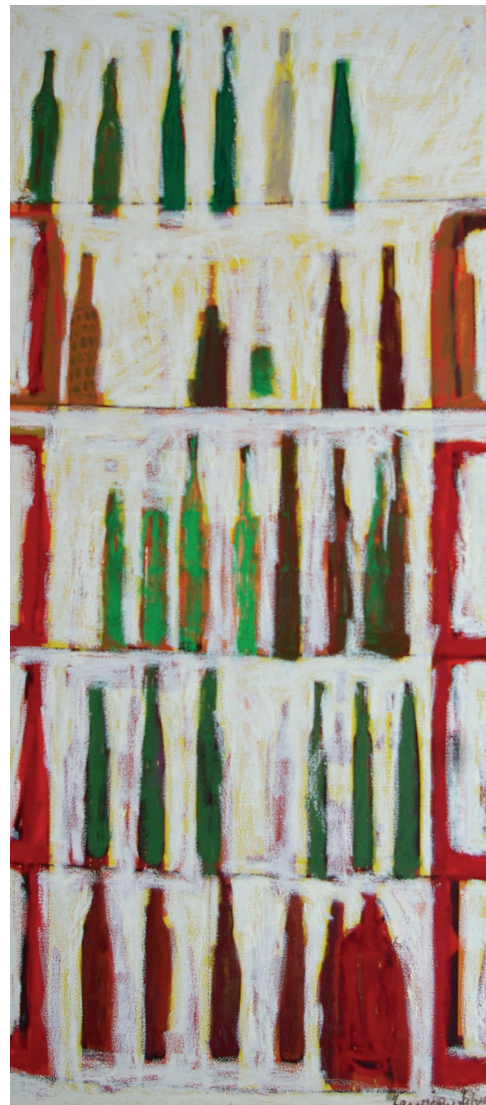
6 - **Simbolismo erótico** - 70 x 100 cm.
Óleo s/tela – 2008



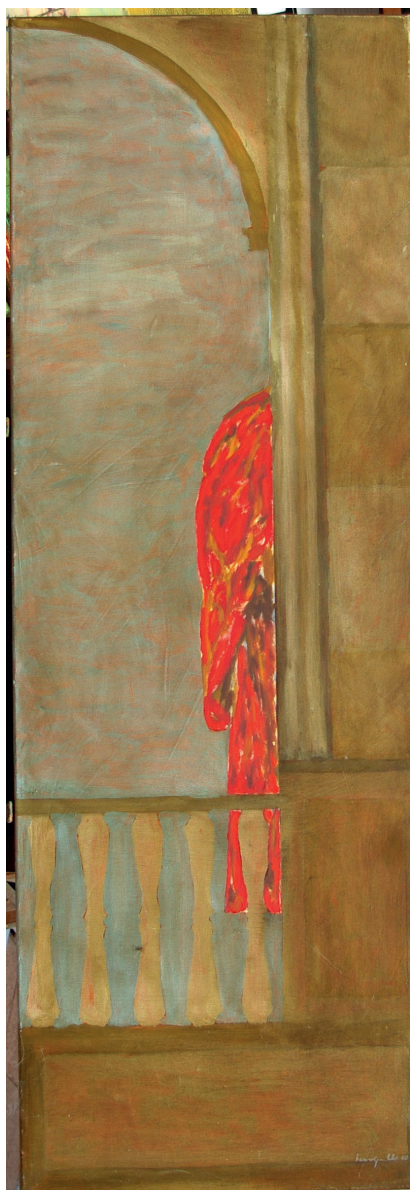
7 - **Uma dá outra tira** - 81 x 100 cm.
C/print e pastel óleo – 2008



8 - **As novas figurações** - 100 x 100 cm.
C/print, colagens, pastel óleo e óleo s/tela



9 - **Coleccionismo** - 115 x 59 cm.
C/print e pastel óleo – 2016



10 - **A sombra evidente** - 145 x 50 cm.
Óleo s/tela – 2000



11 - **Reserva** - 89 x 100 cm.
Óleo s/tela – 2005



12 - **Paisagem Onírica** - 101 x 100 cm.
Óleo s/tela – 2016



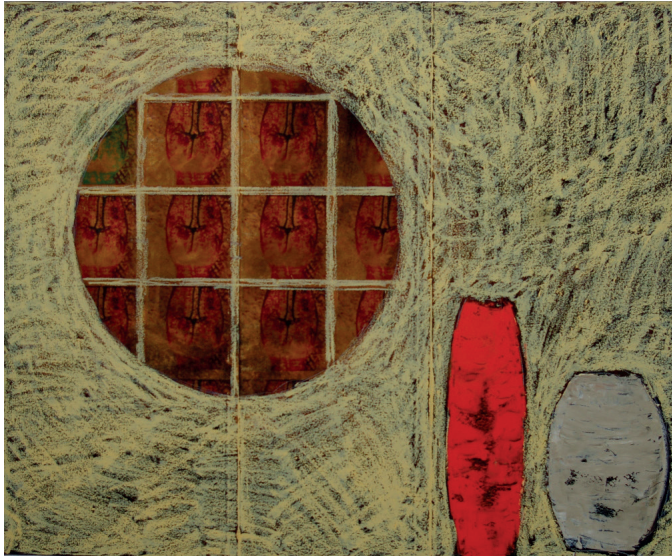
13 - **Obliscos líquidos** - 100 x 70 cm.
Óleo s/tela – 2004



14 - **II Série prisões segundo Piranesi** - 92 x 73 cm.
Óleo s/tela – 2001



15 - **A outra opção** - 89 x 116 cm.
Óleo s/tela – 2006



16 - **Verso** - 81 x 100 cm.
C/print e pastel óleo s/tela – 2008



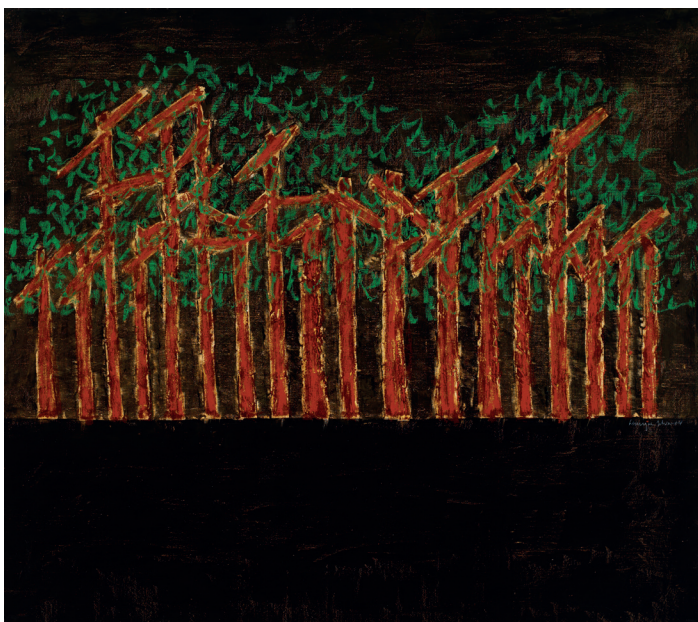
17 - **Identificação de formas** - 70 x 100 cm.
Óleo s/tela – 2005



18 - **Mamas** - 100 x 70 cm.
C/print e pastel óleo s/PVC – 2010



19 - **Cor das cores** - 100 x 99 cm.
C/print e pastel óleo s/PVC – 2010



20 - **Floresta inóspita** - 89 x 100 cm.
Óleo s/tela - 2004



21 - **Textura abrupta III** - 100 x 81 cm.
Óleo s/tela - 1996



22 - **Quando ouço falar de pintura, puxo da pistola** - 162 x 114 cm.
Técnica mista s/tela – 2008



23 - **Vinoteca I** - 162 x 130 cm.
Técnica mista s/tela – 2008



24 - **Vinoteca II** - 162 x 130 cm.
Técnica mista s/tela – 2008



25 - **Floresta sangrenta** - 98 x 130 cm.
Óleo s/tela – 2006



26 - **Sombras no atelier** - 150 x 150 cm.
Óleo s/tela – 2010



27 - **As três Cárites d'apros Rafael** - 162 x 114 cm.
Óleo s/tela – 2008



28 - **Nicho** - 116 x 89 cm.
Acrílico s/tela – 2006



29 - **Mediterrâneo** - 184 x 70 cm.
Escultura – 2016



30 - **A burguesia** - *dimensões variáveis*
Instalação - 1998



Henrique Silva, nascido em 1933 na Cidade de Paredes, Portugal - artista plástico, foi Diretor Executivo da *Árvore, Coop. Actividades Artísticas* de 1978 a 1995, Presidente da *Projecto, Núcleo de Desenvolvimento Cultural*, *Co-fundador e Diretor da Bienal de Cerveira*, de 1995 a 2008, Diretor do *Museu de Arte Contemporânea da Bienal de Cerveira* desde 2003. É Diretor do *Curso Superior de Artes e Multimédia da Escola Superior Gallaecia*, desde 2009. É Co-fundador da Fundação da Bienal de Arte de Cerveira e Presidente do mesmo Conselho. É Presidente do Conselho Científico da Escola Superior Gallaecia.

Foi bolseiro da Fundação Gulbenkian em Paris de 1961 a 1963, frequentando a *École Supérieur de Beux-Arts de Paris*. Licenciou-se pela *Université de Paris VIII*, em 1977 em Artes Plásticas para o Ensino, tendo-se doutorado em *Média-Arte Digital* na Universidade Aberta e Universidade do Algarve em 2015.

Diretor Geral e Pedagógico da Escola Profissional de Economia Social em 1989/91 e 1998/2000, participou em seminários e reuniões internacionais em Varsóvia - 1983, Bruxelas - 1986, Creta - 1987, entre outras, sobre políticas de desenvolvimento territorial e cultural.

Expôs em Portugal, Espanha, França, Bélgica, Estados Unidos, etc. desde 1958, com mais de 50 exposições individuais e 200 exposições colectivas.